

**ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DO MARANHÃO – ATEMA: ESTUDOS
PRELIMINARES DA MESORREGIÃO OESTE MARANHENSE**

Autora: Hellen Vitória Queiroz de Brito

Luciara Silva Teixeira

Isabella Divina Nunes Lazarin

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Centro Estudos Superiores de Balsas - CESBA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Célia Dias de Castro

celialeitecastro@hotmail.com

Resumo: A área de estudos em que se insere o projeto de Atlas Toponímico do Estado do Maranhão – ATEMA compreende a língua como repertório de memória, interação e prática social que pode ser representada pela escrita e cartograficamente. Esse projeto tem como principal objetivo levantar os topônimos do estado do Maranhão, sistematizá-los e resgatar as diversas línguas, culturas e histórias por meio desse inventário léxico com o objetivo de formar um banco de dados. Esse banco de dados deve contribuir na identificação linguístico-cultural e histórica do processo de constituição do povo deste território. O estudo insere-se no campo da Onomástica, o estudo dos nomes próprios. Segundo Dick (1992), a ciência Onomástica apresenta duas principais divisões, a Toponímia, que estuda os nomes de lugares, e a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas. Nesta apresentação, abordar-se-á sobre o trabalho no ATEMA, trazendo conceitos dessa área de pesquisa, descrevendo sobre a Toponímia e seu objeto de estudo, os topônimos, e situando os atlas no campo da Onomástica. A metodologia segue o modelo teórico de Dick (1992) e tem como base para a seleção dos dados os mapas do IBGE (ano 2010), com exemplos de levantamentos, descrições e análises desses itens lexicais, tais como os estudos da etimologia, da estrutura morfológica, das motivações que levaram às escolhas de tais nomes. Para o momento, os resultados estão voltados aos estudos da teoria onomástica com a apreensão dos principais conceitos de Dick (1992) e o levantamento dos topônimos da mesorregião Norte Maranhense.

Palavras-chaves: Onomástica, Toponímia, ATEMA.

Introdução

A ciência que estuda os nomes próprios de diversos gêneros é a Onomástica, uma ciência linguística e extralinguística, em que seus referentes são de natureza cultural humana, ou voltados à natureza física como no caso dos vegetais. Esses nomes próprios

possuem uma escolha motivada pela mentalidade do homem. Como é apontado por Ramos (2010), o seu surgimento como adjunto estruturalista e linguístico se deu na virada do século XIX e XX, assim, é uma ciência da linguagem, mas que possui caráter inter e transdisciplinar, englobando áreas da História, da Geografia e da própria Linguística como a Epigrafia e Paleografia. Como apresentado por Dick (1992), suas duas principais divisões são a Toponímia, estudo dos nomes de lugares, e Antroponímia, dos nomes de pessoas.

A Toponímia possui um caráter interdisciplinar, seus estudos vão além de nomes de lugares, os topônimos, seu objeto de estudo. Juntamente com esse objeto de estudo, procura-se investigar e analisar a mentalidade do denominador, suas motivações, o contexto em que ele está inserido. Nesse sentido, Dick (1992) explica que a Toponímia se ramifica em outras áreas como a História, Geografia, Antropologia, Psicologia e até Botânica.

A análise dos topônimos contribui para desvendar os verdadeiros motivos pelos quais determinados nomes próprios são atribuídos aos lugares. Dick (1992) aborda a relação harmônica entre o termo genérico, relativo ao acidente geográfico, o rio, o ribeirão, o povoado, a fazenda, os quais recebem a nomeação, e o termo específico ou topônimo propriamente dito, que é o nome recebido que exprime a particularidade do local. Exemplo: *rio Balsas*, o termo genérico é *rio* e o termo específico é *Balsas*, pois o genérico tem caráter de generalidade, existem diversos rios; mas o termo *Balsas* particulariza o rio a que se refere. Essa relação é chamada de binômica e torna possível compreender e distinguir melhor os elementos formadores. A esse respeito, Dick (1992, p.17) exemplifica com “o sintagma toponímico morro da Pedra em que morro é o acidente geográfico de natureza física e Pedra o toponímico propriamente dito”.

Com base na estrutura dos topônimos, Dick (1992), os divide em três categorias: simples, compostos e híbridos. Os simples são aqueles formados por um único elemento formador, acompanhados ou não de sufixações; os compostos possuem na sua composição mais de um elemento formador, tendo ou não elo entre si; por fim, os híbridos recebem na sua composição nomes de línguas diferentes e traduzidas, possuem o mesmo significado. Exemplos respectivos as suas categorias: *Balsas*, *Tasso Fragoso* e *Alto Parnaíba*, este último é híbrido em que *Alto* vem do português e *Parnaíba* do tupi.

A nomeação consiste em aspectos culturais e sociais de determinada região investigada. Os topônimos mais conhecidos são os indígenas (Tupi) e africanos, onde reflexos de suas culturas e costumes são bem nítidas ao processo de nomeação.

Quando se fala em povos indígenas, deve-se ter a ideia de que não são apenas um, mas vários, com culturas, filosofias, particularidades e claro línguas diferentes. Que as utiliza com a finalidade mais comum a de se comunicar por meio da linguagem, ao longo da história as línguas sofreram ajustes para assim ter uma comunicação mais compreensível e esses ajustes e reajustes podem acarretar no não reconhecimento da língua mãe. Segundo

Rodrigues (1986) as línguas Tupi-guarani descende de uma língua anterior, assim como o português descende do Latim.

A redução da língua indígena se deu por diferentes fatores, no momento da colonização pela assimilação da cultura dos colonizadores, pelas doenças trazidas e disseminadas e claro pela redução dos indígenas, travada por episódios de extermínio para conquista de terra. Algumas línguas foram documentadas de forma mais ampla ou não. De acordo com Rodrigues (1986), o Kirirí foi uma língua registrada, porém desapareceu. Como língua indígena mais conhecida se tem o Tupinambá que manteve contato intenso com o português, como exemplo disso Dick (1992) discorre sobre os topônimos transplantados, ou seja os portugueses com sua chegada começaram a nomear, mas complementando a nomenclatura já pré-estabelecida pelos indígenas.

Após sua chegada ao Brasil, os africanos tentaram manter vivas suas origens e visões de mundo através das práticas culturais. O convívio com diversos grupos sociais – portugueses, indígenas, crioulos e africanos de diferentes partes da África, não os impediram de realizar seus costumes, pelo contrário, os africanos integraram as irmandades católicas, praticaram o islamismo e o candomblé e reuniram-se em batuques e capoeiras. Os estudos da toponímia africana no Brasil envolvem, pela sua peculiaridade, um conhecimento genérico da problemática do negro no país (DICK, 1992, p. 137). No período da nomeação, os africanos não eram tão influentes, embora ainda praticassem sua cultura, religião e práticas, eles eram vistos como marginais ou instrumento de trabalho. A toponímia africana foi colocada em segundo plano, sendo assim pequena a sua contribuição na denominação, segundo Dick, “o processo toponímico de nomeação tenha sido indireto, através do colonizador branco, com exceções, certamente” (DICK, 1992, P. 153).

Portanto, a Toponímia não é uma disciplina puramente linguística, seus estudos tem amplitude histórica e cultural, dessa maneira revela o passado de uma civilização e desempenha a função de uma memória linguístico-histórica.

Um atlas toponímico resulta num conjunto de mapas linguísticos, textos compostos por aspectos visuais e linguísticos e, sendo um trabalho de pesquisa, apresentam formalidades metodológicas como seus objetivos a serem alcançados, a realização do levantamento léxico-toponímico, a sistematização dos dados e também o resgate de memórias sociais e históricas por meio da análise desses dados. Dessa forma é que está sendo desenvolvido na Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Balsas – UEMA/CESBA o Atlas Toponímico do Estado do Maranhão – ATEMA.

Metodologia

A pesquisa é qualitativa e quantitativa, selecionando os dados a partir de fontes primárias, nos Mapas Municipais Estáticos (IBGE/2010), com escala 1:100:000; após o levantamento, são confeccionadas as fichas lexicográficas, com a identificação de elementos como o elemento geográfico, o topônimo, tipo de acidente, língua de origem, etimologia, taxonomia, estrutura morfológica. A análise dos dados consiste na quantificação e interpretação desses elementos, analisando a frequência dos itens lexicais.

Os estudos dos nomes ocorrem a partir de um enfoque linguístico, conforme supracitado, que revela os variados significados do léxico, sendo ele de variadas línguas, mostrando os diversos povos que influenciaram a região; a contextualização histórica permite compreender a relação entre a origem do nome e a história do local; os aspectos geográficos revelam o deslocamento de um nome para outra região.

A seguir encontra-se exemplos de como fazer a ficha lexicográfica, e como protótipo foi escolhido dois topônimos de origem indígena e africana, respectivamente: *Igarapé* e *Cacimba*.

Elabora-se então um fichamento dos topônimos utilizando os seguintes elementos:

- I. **Elemento Geográfico** - corresponde aos tipos de acidentes humano (fazenda, povoado, localidade). Ex. Igarapé – localidade; Cacimba – Localidade.
- II. **Topônimo** - objeto de estudo, os nomes dos lugares. Ex. Igarapé, Cacimba.
- III. **Variante** - variação gráfica, fonética, lexical ou morfofonêmica do topônimo;
- IV. **Tipo** - tipo físico ou humano, *fazenda* Raízes é humano, *cachoeira* Três Marias em *Riachão* (MA) é físico. Ex. Igarapé – Físico; Cacimba – Físico.
- V. **Área** - rural ou urbana. Ex. Igarapé – rural; Cacimba – rural.
- VI. **Língua de Origem** - refere-se à língua em que o topônimo foi originado. Ex. Igarapé – tupi; Cacimba – Quimbundo.
- VII. **Etimologia** - diz respeito a formação dos nomes, revelando sua origem e significado. Ex. Igarapé – Tupi; Cacimba - Africano.
- VIII. **Taxonomia** - de acordo com o modelo taxonômico de Dick (27 taxonomias). Ex. Igarapé – Hidrotopônimo; Cacimba – Hidrotopônimo.
- IX. **Estrutura Morfológica** - se ele é simples, composto, híbrido ou composto híbrido. Ex. Igarapé – simples; Cacimba – simples.
- X. **Referências** - são os dicionários usados para se ter conhecimento da origem e significado do topônimo e as cartas cartográficas (mapas); Ex. Igarapé: (DICK, 1992, p. 124), Cacimba:(DICK, 1992,p. 147).
- XI. **Fonte** - fonte consultada para obtenção dos topônimos e a escala do mapa; Ex. Igarapé (DICK, 1992); Cacimba: (DICK, 1992).
- XII. **Data da coleta** – data em que foram coletados os dados;
- XIII. **Responsável pela coleta** - indivíduo que realizou as coletas de dados;

- XIV. **Revisor:** pessoa que se em carrega de revisar toda a ficha lexicográfica;
- XV. **Observações:** fica a critério da pessoa responsável pela coleta, adicionar questões relevantes sobre o topônimo.

Colocando em prática essas classificações, exemplifica-se com o topônimo *Ilha do Saco*, do município de Benedito Leite na microrregião Chapada das Mangabeiras.

Os topônimos, após serem classificados, são comparados e, dessa forma, são feitas as depreensões sobre as ocorrências em determinada região.

Conclusão

O projeto ATEMA tem como função revelar, através dos topônimos, a história do lugar, as origens, as predominâncias através da coleta e análise dos dados. Podem-se perceber as formas de coleta dos dados, a classificação na planilha Excel e como é feito esse levantamento. A partir das classificações que são apresentadas, é possível compreender as influências tupis, portuguesas, africanas entre as predominâncias de híbrido, composto, simples e composto híbrido.

De forma resumida, objetivou-se apresentar o que é o projeto, a principal referência a fornecer a teoria para esses estudos, Dick (1992), lembrando que o ATEMA tem como objetivo sistematizar os resultados das investigações num banco de dados e resgatar línguas, culturas e histórias do povo maranhense.

Referencias:

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil:** coletânea de estudos. 3º. ed. São Paulo. DEDALUS-Acervo-FFLCH, 1992.

CAVALCANTE, LETÍCIA BARBOSA DA SILVA. **Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imbirussu.** Dissertação (Mestrado em estudos de Linguagens) – Centro de ciências humanas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

RAMOS, Gleice Bastos; RAMOS, Ricardo Tupiniquim. Onomástica e possibilidades de releitura da história. **Revista Augustus** Rio de Janeiro, n.30, p.86-92, ago.2010.

Rodrigues, Aryon Dall'igna. **Línguas Brasileiras:** para conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.